



Edgar Rodrigues: historiador da anarquia

A radicalidade nos escritos de Tolstoi ainda se faz atual: “o dever dos russos e de todos os homens escravizados pelos governos está não em substituir uma forma de governo por outra, mas em suprimir todo governo” (p. 23). Isso possibilita pensarmos criticamente na cultura do castigo, no serviço militar, na polícia e robustecer a recusa à sujeição. Uma vez que todo o poder se forma pela vontade daqueles que se submetem e se sustenta pela cumplicidade dos mesmos, a insubmissão torna-se o ponto mais eficaz de desestabilização da soberania. Mas seria possível afirmar essa recusa sem um movimento de conscientização e de um discurso humanista e moralista? Não se trata de uma substituição de uma moral por outra, é preciso escapar de modelos de resistências, para sobressaírem potências das singularidades por meio da invenção de si.

## edgar rodrigues: historiador da anarquia

ANAMARIA SALLES

Anna Gicelle Garcia Alaniz. *A sementeira de idéias: Edgar Rodrigues, uma vida dedicada à memória anarquista*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2009, 108 pp.

*A sementeira de idéias: Edgar Rodrigues, uma Vida Dedicada à Memória Anarquista* resulta do pós-doutorado na área de Educação concluído pela historiadora uru-

*Anamaria Salles é bacharel em Ciências Sociais, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, bolsista CNPq e pesquisadora no Nu-Sol.*



guaia Anna Gicelle Garcia Alaniz na Unicamp. O livro foi publicado pela editora anarquista Achiamé, também responsável pela publicação de grande parte dos escritos de Edgar Rodrigues.

Segundo Alaniz, a paixão em manter viva a história do movimento anarquista esteve presente na vida do português Antonio Francisco Correia Filho desde os tempos de criança, quando recolhia e organizava escritos e documentos anarquistas com a intenção de propagá-los no dia em que a ditadura salazarista acabasse. Proibido de frequentar escolas públicas, por ser filho de preso político que disseminava as ideias anarco-sindicalistas, avançou em seus estudos de maneira autodidata por meio de livros e materiais que recebia de colegas militantes.

Em 1951, aos 30 anos de idade, o historiador do anarquismo, receoso de ser pego pelas garras da tenebrosa ditadura, emigrou para o Brasil onde passou a publicar seus escritos sob o nome de Edgar Rodrigues. Em 1999, publicou o livro *Três Depoimentos Libertários* no qual divide sua obra em três movimentos: *combate*, onde reúne relatos das perseguições aos anarquistas pelas ditaduras soviética e portuguesa; *ensaios*, pelos quais propagou as ideias anarquistas e a história de vida de seus militantes; e *história social*, composto pela narração de acontecimentos particulares referentes à história do anarquismo.

Edgar Rodrigues buscou ressaltar em sua obra a voz do trabalhador operário ao trazer para o leitor pequenas histórias de vidas que são ignoradas pela historiografia oficial. A consulta a acervos pessoais permitiu-lhe produzir descrições minuciosas que trazem situações, roupas, características físicas e nomes, pelos quais tirou do ano-



Edgar Rodrigues: historiador da anarquia

nimato o trabalhador que sofreu nas mãos da ditadura a exploração capitalista e lutou pela liberdade.

Em sua obra, mostra a busca por uma sociedade justa e igualitária que, segundo seu pensamento anarquista, deve ser encontrada pela evolução do ser humano por meio de uma educação que lhe permita assumir as suas responsabilidades diante da sociedade. É desta maneira que o ser humano acabaria com as desigualdades causadas pelo próprio homem e pelas *instituições repressoras* da sociedade, e alcançaria o anarquismo, no qual a ideia *um homem vale um homem*, prevaleceria.

Para Alaniz, Edgar Rodrigues buscou estabelecer em sua obra uma narrativa *verdadeira* dos acontecimentos sem perder de vista o *rigor* e o *respeito* com o qual buscou lidar com a história. Preocupado em manter vivo o anarquismo, alertou para a importância da divulgação de materiais anarquistas e criticou militantes que escondem e deixam ao bolor arquivos importantes para que as novas gerações tenham acesso a ideias e experimentações de vida livres.

Na apresentação do livro, feita pelo pesquisador da história do anarquismo, editor da Ed. Opúsculo Libertário e integrante do Centro de Cultura Social de São Paulo, Marcolino Jeremias, é lembrado que, para que o material tão cuidadosamente selecionado e arquivado estivesse a salvo no caso de uma possível ditadura, Edgar Rodrigues fundou, em agosto de 1986, juntamente com Nito Lemos Reis, Antonio Martinez, José Carlos Orsi Morel, Jaime Cubero, Francisco Cubero, Felix Gil Herrera, Liberto Lemos Reis, Fernando Gonçalves da Silva e Ideal Peres, o *Círculo Alfa de Estudos Históricos*, mais conhecido no



meio anarquista como *Projeção* ou *Baú*. O *Círculo Alfa de Estudos Históricos* reúne um acervo com cartas, fotos, jornais, periódicos, livros e documentos de militantes anarquistas que foram trazidos por seus fundadores e recebidos por doações. Com a morte da grande maioria de seus fundadores, o acervo ficou nas mãos dos três militantes que ainda viviam, sendo eles Edgar Rodrigues, José Carlos Morel e Francisco Cubero.

Jeremias nos conta que, preocupado com as condições físicas do acervo, Rodrigues realizou em 2006 uma visita ao imóvel que abriga os documentos na cidade de São Paulo. No entanto, não conseguiu entrar, pois as fechaduras haviam sido trocadas sem o seu conhecimento. Por meio de cartas trocadas com o então coordenador do *Círculo Alfa*, José Carlos Morel, Edgar Rodrigues questionou a atitude tomada, porém não obteve resposta. Em novembro de 2007, Rodrigues recebeu uma carta que comunicava sua exclusão dos quadros sociais da entidade, aprovada em assembleia, cuja convocação recebera tardiamente, com o acordo dos demais sócios, o que desencadeou grandes discussões no meio anarquista.

O que impediu a aceitação do historiador Edgar Rodrigues no meio acadêmico, segundo Alaniz, foi sobretudo uma *diferença de linguagem entre a interlocução acadêmica e a militância* anarquista. Neste sentido, a autora sustenta que sua obra seja analisada não a partir de suas *limitações conceituais*, mas considerando *suas fontes valorizadas pelo filtro de seu olhar peculiar*. Decorre daí, como pontua Alaniz, que “o operário ou trabalhador, que os historiadores tratam como entidade ou referência, receba nome, sobrenome e a lembrança das gerações posterior-



Edgar Rodrigues: historiador da anarquia

res” (p. 45). Na historiografia de Rodrigues, o historiador identifica-se com suas fontes.

*A sementeira de idéias* conta com uma breve análise das obras e da vida de Rodrigues, mostrando que em nenhum momento a sua vida esteve apartada de sua obra. Segundo a autora, seu trabalho de minuciosa transcrição de atas, estatutos e jornais anarquistas mostra sua preocupação em reproduzir *fielmente* documentos enquanto estratégia para a propaganda anarquista.

Para Alaniz, o desenvolvimento do método de trabalho próprio a Rodrigues nada mais é do que reflexo de sua experiência pessoal e de seu aprendizado autodidata em meio a pensadores anarquistas. Seus escritos são respostas a acontecimentos vividos por ele e, justamente por isso, seu entendimento só é possível na medida em que são analisados um a um levando em conta suas peculiaridades.

O rompimento com os cânones da neutralidade acadêmica e com o recorte cronológico tradicional são características marcantes em sua metodologia que, segundo Alaniz, é a maneira pela qual defende seus ideais e escancara as diferenças fundamentais entre socialistas, comunistas e anarquistas. Uma outra característica destacada pela autora diz respeito ao *modelo de periodização*, próprio a Rodrigues, pelo qual privilegia os momentos mais marcantes da história operária. Em sua narrativa, jornais e panfletos são tão importantes para a manutenção da memória operária quanto poemas e chamados à greve.

Edgar Rodrigues faleceu na noite de 14 de maio de 2009. O *Círculo Alfa de Estudos Históricos* ainda abriga o arquivo fruto de um enorme esforço coletivo realizado por uma geração de homens que lutaram pela liber-



dade e combateram os pequenos e grandes fascismos. Que este arquivo, convenientemente preservado, seja disponibilizado a todos interessados! Este seria um gesto condizente com a memória e a generosidade de homens como Edgar Rodrigues. Também seria sua melhor homenagem.

## recordações rebeldes

MARCOLINO JEREMIAS

Edgar Rodrigues. *Lembranças Incompletas*. São Paulo, Editora Opúsculo Libertário, 2007, 582 pp.

*Lembranças Incompletas*, do recém-falecido companheiro Edgar Rodrigues, é uma obra rara, pois é um trabalho único que trata de documentar as iniciativas libertárias compreendendo o período de 1939 até 2005. Também é a primeira vez que um militante anarquista histórico escreve e publica suas memórias em vida no Brasil.

Fruto de um labor exaustivo e vigoroso, que demorou mais de sete décadas para ser finalizado, esse livro registra as atividades anarquistas de Edgar Rodrigues, desde sua adolescência em Portugal até sua chegada ao Brasil, alcançando até os últimos dias de sua vida.

*Marcolino Jeremias é pesquisador autônomo da história do anarquismo e membro da Ed. Opúsculo Libertário & do CCS (Centro de Cultura Social) de São Paulo.*